

# Elogios para Ulysses

A exaltação do entendimento como única maneira de chegar com tranqüilidade ao fim dos trabalhos da Constituinte, as críticas ao governo do presidente José Sarney e os elogios ao presidente Ulysses Guimarães marcaram os discursos dos líderes dos partidos na sessão solene de encerramento dos trabalhos da Câmara.

— Vamos ter uma boa Constituição, sem radicalismos, sem vencidos nem vencedores — afirmou o deputado José Lourenço (PFL-BA), depois de garantir que o Centrão não surgira para impor sua vontade. “Me chamam de radical, mas jamais deixei de atender a um apelo pela união. Sou um homem de diálogo”, disse Lourenço, abraçado pelo deputado Aldo Arantes (PC do B-GO) assim que deixou a tribuna.

— Uma Constituinte deve ter antagonismo de idéias, mas a Constituição não pode ser fruto de um confronto final — insistiu o deputado Aldylson Motta (PDS-RS). Ele lamentou a falta de um “grande debate nacional” sobre as questões a serem tratadas na nova Carta. “Não houve interesse do Governo em promover este debate. Toda sua prioridade esteve concentrada na eleição dos governadores e não na Constituinte”.

A crítica do deputado pessedista foi uma tímida mostra do que viria depois, pela boca dos líderes do PDC, Siqueira Campos (GO) e do PC do B, Aldo Arantes (GO). Siqueira Campos atacou a “volúpia legisferante do Executivo” e o “terrorismo aumentista do Governo”.

— Nunca um Presidente da República desconsiderou tanto o Congresso Nacional como José Sarney, que usou e abusou dos decretos-lei, transformando esta Casa numa instituição meramente decorativa de seu reinado absolutista e perverso.

Aldo Arantes voltou a falar nos decretos, dizendo que Sarney tinha sido o “campeão” na utilização deste instrumento. “Isto é uma demonstração do desprezo a nós”, protestou o líder do PC do B. Aldo Arantes criticou ainda as pressões do Governo para a aprovação do projeto do software — “uma maneira de flexibilizar a lei de informática” — e a postura omissa do Planalto em relação à questão agrária.

— No plano político, o governo Sarney toma igual-

mente o caminho da direita — continuou o deputado comunista, afirmando que o Presidente continua “tutelado” pelos chefes militares, os “verdadeiros mandatários” do Governo. “A própria Constituinte tem trabalhado sob constantes ameaças dos chefes militares. A escuta telefônica, proibida pela Constituição, continua sendo abertamente praticada”, completou ele.

A defesa de Sarney partiu, surpreendentemente, do deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE), último a falar, pela liderança de seu partido. Maurílio lembrou sua condição de ex-cassado e exilado, e disse que não podia concordar com a opinião de que o Brasil vive hoje sob uma ditadura civil.

— Os episódios citados pelo deputado Aldo Arantes, como a escuta telefônica, são verdadeiros, mas esporádicos e não representam um pesadelo para os brasileiros. Existe liberdade ideológica — afirmou Maurílio, dizendo estar convencido de que a História será “muito magnífica” ao julgar o governo de Sarney.

O grande homenageado do dia, deputado Ulysses Guimarães, foi elogiado em diversos discursos. Depois de se referir a Ulysses como “nossa presidente, amigo e guia”, o deputado José Lourenço o elegeu como o líder do entendimento. “Quando muitas portas se fecham, dizendo não ao diálogo, sua porta se abre”.

Emocionado com os rascados e veementes elogios do líder do Centrão, Ulysses não esperou até o final da sessão para agradecer. Fez chegar até José Lourenço um bilhetinho, em que escreveu: “Deus lhe pague. Do seu admirador, Ulysses”.

Maurílio lembrou a atuação de Ulysses há vinte anos, quando ele era um jovem deputado e este já formava “núcleo sereno da resistência” ao lado de Tancredo Neves, entre outros. “O deputado Ulysses Guimarães é um monumento e uma instituição, a garantia de que esta travessia vai se completar”.

Ao encerrar a sessão, Ulysses disse que, depois do que ouvira ali, certamente terá um feliz Natal. E afirmou que saia com a segurança de que, através da nova Constituição, Brasil terá não só o próximo como vários anos de prosperidade social.